



Luan Sarmento

O amor que eu sempre quis

Uma História de Amor entre Sophia e Vinny
com Deus e entre os Anjos

PoD
editora

O amor que eu sempre quis

A história de amor entre Sophia e Vinny

Luan Sarmento

O amor que eu sempre quis

A história de amor entre Sophia e Vinny





O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

**O amor que eu sempre quis:
a história de amor entre Sophia e Vinny**

Copyright © 2020, Luan Ribeiro Sarmento
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:
Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 — Pça Tiradentes
Centro — 20060-030 — Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:
Pod Editora

Revisão:
Messias Santos

Imagem de capa:
Pizabay.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S255a

Sarmento, Luan

O amor que eu sempre quis: a história de amor entre Sophia e Vinny /Luan Sarmento.
- Rio de Janeiro: PoD, 2020.
220p. il. ; 21cm

ISBN 978-65-86147-27-8

1. Romance brasileiro. I. Título.

19-58425

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

21/05/2020

27/05/2020

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

*Dedico esta obra em memória de Santa Teresa
d'Ávila, escritora e poetiza espanhola e a Santa
Joana d'Arc, padroeira e heroína da França.*

Prefácio

Quando Luan Sarmiento gentilmente convidou-me a prefaciar esta obra, confesso que fui tomado por um sentimento de profunda felicidade, mas também de medo, devido a grande responsabilidade denotada. E, justamente por isso, num primeiro momento, declinei. E ao declinar, pude sentir a frustração que tomou conta do nobre autor. Percebi, então, que este medo era insignificante diante da grandeza de espírito deste menino, que merece muitos louros desta vida, sendo o suficiente para mudar minha decisão e aceitar o desafio ora proposto. Conheço-o pouco, é fato, nosso contato se deu totalmente via aplicativo de mensagens e e-mails, durante o processo de edição de seu primeiro livro Quando a Música Tocar, o qual tive o privilégio de revisar. Luan é um jovem nascido em ICÓ-CE, historiador, professor, autor, apaixonado por história e profundo conhecedor de sua cidade, de suas raízes, do nosso povo. Leiam seu primeiro livro, garanto que ficarão apaixonados pelos personagens e descrição dos lugares e costumes da época. Recomendando! Mas hoje estou aqui para falar sobre O amor que eu sempre quis.

Todos sabem que a pré-adolescência e adolescência são fases que mexem muito com hormônios, tanto femininos quanto masculinos. Fase de descobrimento do próprio corpo. O despertar de vontades, desejos, emoções. Mas não para Sophia. Ela tem ideais e sentimentos totalmente voltados para o seu lado religioso. Apesar de inocente e pura, não deixa de perceber o afloramento da sexualidade à sua volta. Seus colegas de escola não fazem questão de esconder esse sentimento. Ao contrário dela, que busca em sua fé descobrir os mistérios que o plano espiritual lhe reserva, entre eles sua vocação para ser consagrada freira. Sophia só não imagina o quão surpreendentes podem ser os caminhos da fé! E percebe que não importa o quão religioso você seja, as desventuras e provações podem estar no caminho de todos nós, sem exceção. Descobrir que a vida tem sua contrapartida, a morte, a faz apegar-se ainda mais à religião e àquilo em que acredita: Deus, Anjos, Santos, Céu e... o Amor! Para Sophia, parece impossível escolher entre ser freira ou render-se

ao amor. E a ajuda vem de onde ela alicerçou toda sua vida: Sua fé no Altíssimo. Percorrer sua estrada passou a ser uma grande e prazerosa aventura.

O texto é uma delícia, o livro aborda diversos temas de forma didática e fundamentada, sem ser leviano ou fanático, falando de forma simples sobre amor, religião, amizade, morte e vida. Atentem-se aos capítulos O Jardim de Deus e A conjuração do mal. Tenho certeza de que gostarão tanto ou mais do que eu gostei. Boa leitura!

Messias Santos

Revisor

Apresentação

Sobre este romance, eu o escrevi com muita devoção e carinho. O AMOR QUE EU SEMPRE QUIS é um sonho, um conflito barroco, religião, filosofia, reflexão e ficção. No entanto, eu acredito que por trás de uma boa ficção, existe um pouco de realidade, e essa realidade podemos chamá-la de fé. Creio que isso vai depender da forma como cada pessoa busca compreender o que é Sagrado. Também se trata de uma obra com fundamentação bíblica, onde busquei nomes para dar aos personagens.

Transmiti um pouco do meu “eu” aos protagonistas, um pouco daquilo que sou e acredito e alguns fatos que aconteceram em minha vida, como por exemplo, a vida espiritual da Sophia, sua relação com o seu anjo da guarda, com o Sagrado, suas regras espirituais de vida de oração, a bacia das almas dos pobres de São Francisco, a criança morta no necrotério e a cama que afundou em noite de oração. São fatos que realmente aconteceram e que acontecem comigo.

Boa leitura,

Luan Sarmiento

O autor

Sumário

Agradecimentos	221
Prefácio	7
Apresentação	9
Sumário	11
I - O que a gente não faz para salvar um amigo?	13
II - Você é o maior presente que Deus me deu	24
III - Eu queria ser o seu remédio	30
IV - Vamos, eu te levo.....	53
V - Bota-fora.....	62
VI - Despedida	77
VII - Precisamos ir.....	83
VIII - Para onde vamos?.....	87
IX - Quer namorar comigo?	99
X - Eu sempre estive com você	109
XI - Não tenha medo	116
XII - A criação de adão	120
XIII - Vamos voar?	125
XIV - Um drama Barroco.....	131
XV - Sede de Deus	137
XVI - O jardim de Deus	144
XVII - A conjuração do mal	158
XVIII - Uma freira vai decidir por você?	168
XIX - Uma loucura de amor.....	177
XX - Duas almas, um só coração	187
XXI - Sua vocação não está aqui	189
XXII - Pare em nome do amor!	207
XXIII - Eu estou aqui com você.....	211
XXIV - O amor que agora somos	215
Referências	219

I - O que a gente não faz para salvar um amigo?

Mais um dia normal em minha escola de tempo integral Padre José Alves de Macêdo. Normal. Jovens, às vezes imaturos em suas palavras e atitudes. Confesso que não me considero diferente dos demais estudantes, mas não sou igual, do tipo que segue uma moda momentânea ou uma tendência musical. Parece que há uma plaquinha colada com cartolina em minhas costas indicando: A freira!

Ser freira não é ruim para aqueles que têm uma verdadeira vocação, um dom. Isso também serve para qualquer estado de vida religiosa: sacerdotes, frades, freiras, leigos de vida consagrada, casados ou celibatários. Estou vivendo, me conhecendo melhor, tenho anseios e sonhos que pretendo realizar. Quero ser uma super-heroína. Se não houver um bem-comum, para mim a vida não fará sentido algum.

Gosto de objetivos, metas, mas que sejam em prol da humanidade. Por isso que sou fascinada por filmes de super-heróis e pela história dos santos da igreja católica que foram verdadeiros heróis. Acho que a influência vem daí, de histórias ficcionais e realistas, dois universos, uma só finalidade.

Sinto-me “chamada” para a vida religiosa, pretendo ser freira e já estive diversas vezes no Convento da Imaculada Conceição, dirigido por Madre Assunção, participando de encontros vocacionais. Sou devota de duas santas que realmente souberam viver essa vida em toda sua plenitude, beleza, graça e conversão. Ambas inquietas, preocupadas com o futuro do povo e da Igreja, que souberam amar ao ponto de sofrer e doar a vida por amor e para o Amor.

Assistindo a alguns filmes, novelas e documentários baseados nas vidas dos santos, eu conheci Santa Teresa de Jesus ou Santa Teresa d'Ávila. Religiosa, escritora, espanhola, Santa Teresa de Jesus realizou uma reforma em sua Ordem, isto é, buscou reacender os princípios e a espiritualidade primitiva dos primeiros religiosos que deram início ao que hoje conhecemos como uma

Ordem que, na época de Santa Teresa, estava esfriando, e a vida religiosa se tornando, na realidade, uma vida de comodismo.

Foi na época das Cruzadas que um grupo de cristãos leigos passou a viver no Monte Carmelo, em Israel, como eremitas, buscando a Deus através de uma vida pautada na oração diária, contemplação, fraternidade, trabalho comunitário, seguindo o exemplo de um dos mais notáveis profetas da bíblia: Elias. Para realizar esse resgate espiritual, Santa Teresa teve que escrever para expressar seus anseios religiosos e espirituais, enfrentando vários obstáculos em um mundo materialista e dominado por homens, no século XVI. Um dos obstáculos foi o tribunal do Santo Ofício, mas nada de mal lhe aconteceu.

A segunda já não teve o mesmo destino de Santa Teresa de Jesus. Jovem, camponesa, cristã, analfabeta, católica fervorosa, Santa Joana d'Arc lutou por um povo que estava sendo oprimido e cujas terras estavam sendo tomadas por forças inimigas e opressoras durante a Guerra dos Cem Anos. Joana emancipou uma nação, erguendo um estandarte com os nomes de Jesus e Maria. Dizia ouvir a voz de São Miguel Arcanjo e que o via.

Enfim, ela conseguiu coroar o Rei Carlos VII, viveu momentos de glória, emancipou uma nação, mas foi vítima da inveja, da traição, e do abandono.

Joana d'Arc amava a Igreja e os sacramentos. Ela vestiu uma armadura e conduziu um exército de homens rudes, cedidos pelo delfim da França após sujeitar a jovem a uma série de interrogatórios teológicos sobre suas vozes e missão. Tudo isso porque havia uma profecia, que uma jovem libertaria a França. Joana d'Arc reconquistou territórios e, aos poucos, foi devolvendo a França aos franceses. Era incomum uma jovem de dezoito anos superar cavaleiros experientes em campo de batalha em plena Idade Média, e apesar de sua aparência frágil, era difícil enxergar que Joana estava com Deus durante um dos momentos históricos mais sangrentos e conflituosos da história da França. Homens. Os senhores do mundo medieval sabiam muito bem apontar, julgar, condenar e gostavam de dinheiro, a ponto de se corromperem por isso.

Capturada por forças inimigas aliadas dos ingleses, Joana d'Arc foi vendida aos seus inimigos e julgada pelo tribunal do Santo Ofício, em um processo manipulado por seus algozes. Após um processo longo e exaustivo, a

jovem foi morta na fogueira sob acusação de heresia. No final, chegaram à conclusão que o processo que a condenou foi um equívoco e a sua inocência foi declarada, depois de morta.

Duas mulheres santas que foram tementes a Deus e que se doaram em prol de um bem- maior, um bem-comum que beneficiaria ao próximo. Apesar dos sofrimentos que tiveram que enfrentar, elas foram mulheres fiéis que lutaram até o fim por amor, e pouco se importaram consigo mesmas. Tenho sede de História e gosto muito de debater com meus professores sobre alguns fatos históricos.

Pouco me interessam os romances ficcionais, apesar da beleza cativante da literatura expressada através do cinema, mas eu gosto exclusivamente de um: o RMS Titanic, o “navio dos sonhos”. O que aconteceu com aquele navio foi a mais pura negligência! Como uma tripulação tão experiente, viajava “A TODO VAPOR” pelas águas supergeladas do Atlântico Norte, mesmo sendo avisados sobre os icebergs? O RMS Titanic era o símbolo da mais avançada tecnologia do novo século e a empresa queria se envaidecer, mostrando para o mundo que o maior e mais luxuoso navio da época era seguro e que seria capaz de realizar uma viagem transatlântica em questão de dias.

De fato, a elite industrial conseguiu atingir seu objetivo, construíram o navio. A morte não escolheu idade, classe social, etnia ou religião. Ali havia autossuficiência, vaidade, ideias “sem eira e nem beira”, porque nem botes salva-vidas havia para todos, pois o navio era considerado “inafundável”. Colocaram o nome de uma marca industrial capitalista acima de tudo e de todos, ignorando o IMPREVISÍVEL. A Prudência é inimiga da Autossuficiência.

Sou Sophia, uma jovem de dezoito anos, católica, concluindo o Ensino Médio. Quando conversava com o professor de física sobre as causas no naufrágio do Titanic, via e ouvia um grupo de garotas rindo de mim, mas os olhos do professor brilhavam. Fui alvo de chacotas, afinal, ninguém ali se interessava por fatos históricos e em catástrofes mundiais, somente eu; e a história do RMS Titanic me ensinou uma grande lição: é sempre bom ter um plano B em mente em nossa vida e se precaver.

Havia uma turminha de meninos no corredor que ficava só observando

as garotas passarem. Eu os observava muito bem. Ali eu via a manifestação da natureza sexual masculina em seu ápice de tolice e estupidez. Hormônios à flor da pele. Eles observavam as garotas do pescoço até os joelhos e depois davam uma espécie de “nota”. Faziam gestos obscenos e diziam palavras obscenas. O que estava se passando na mente daqueles caras? Já sei, um filme pornô!

As garotas eram mais comportadas. Garotas sendo garotas. Falavam sobre garotos, mas eram mais sociáveis. Divididas em grupos, as mais populares eram também as mais desinibidas e falavam sobre eles, mas não tratavam seus admirados como um tipo de carne de frigorífico. Elas os chamavam pelo nome. Falavam sobre eles, mas não dos garotos da escola, e isso me fazia rir. Elas falavam de homens mais velhos, dos rapazes da faculdade, porque os da escola não eram muito atrativos e isso era fácil de perceber.

Todos eram populares e se destacavam cada um em sua área de conhecimento, outros nem tanto. No entanto, sempre havia algo em comum que os ligava, e isso era bom porque formavam os grupinhos, as rodinhas, e, no final das contas, um grupão.

Em nosso colégio éramos tecnicamente todos iguais. Nos trabalhos escolares havia os grupos famosos, os organizados, os estudiosos, mas não havia discriminação, todos se relacionavam muito bem.

Creio que Deus me abençoou com um dom bem interessante, porque eu nunca me encaixei em um grupo específico e sentava sempre na parede do fundo da imensa sala. Apesar de ser rotulada como “a freira da classe”, eu sempre consegui me relacionar bem com todos os alunos da sala na hora dos trabalhos, creio que por causa do destaque nas aulas de literatura e nas apresentações teatrais. Não sei. Chego junto, ajudo no que for preciso, agrego o grupo, tento ajudar a todos nos trabalhos de literatura, mas ninguém me quer nas provas de matemática. Eu não gosto e engulo a matemática à força, mas nunca me negaram apoio.

Quem ali entende de matemática? São poucos. Então, todos se ajudam mutuamente sempre na casa de algum colega. É um verdadeiro desespero, cômico às vezes. Ali embarcamos em um tipo de RMS Titanic, se o capitão do grupo — que sempre é uma pessoa que entende de matemática — erra, o

efeito é automático, ou seja, todos estão tecnicamente ferrados e afundamos juntos. Isso sim é o que eu chamo de coleguismo!

O professor e a sua prova são o iceberg que precisamos desviar. Que desespero! Até quem consegue entender a matemática se desespera. Quando um professor passa um grande trabalho que somará com a nota da prova, pagamos a um professor de matemática particular para resolver as questões. Não podemos errar, tudo tem que sair perfeito, e todo cuidado é pouco porque não sabemos como nos sairemos na prova, contudo, a nota do trabalho está ali, como um bote salva-vidas.

Creio que era esse o sentimento que nos une nos exames de matemática, tipo, se eu errar você também erra e, assim, teremos um para consolar o outro no final da história. Esse fenômeno só acontece com matemática. É angustiante, preocupante, mas isso tem um lado bom, independente do grupo que você fizer parte.

Sinto-me diferente por ser a única com um pensamento voltado para a religião, mas não me sinto melhor do que os demais da sala. Por incrível que pareça, consigo me relacionar muito bem com todos os alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Entro facilmente nos grupos independentes da ocasião, interajo e conquisto confiança.

Creio que, no fundo, bem lá no fundo dos corações daquelas crianças, eu sou uma garota especial, só não confessam porque é difícil para um adolescente manifestar seus sentimentos assim, tão facilmente. Eu consigo sentir que eles gostam de mim. Eu não faço isso com muita frequência, sou muito reclusa, na minha, e a capa do meu caderno é a Santa Ceia, uma imagem de calendário que eu recortei e coleí, ficou até bonito, o material é de primeira qualidade. Conto com a amizade da Kátia, minha amiga e colega de sala nos sentamos sempre juntas, no fundo da sala. Ela é meio maluquinha, mas muito boa em espanhol. Alta, morena, bonita, de olhos verdes, e adora andar com seus cabelos cacheados.

— Fala gata! O que você está lendo?

— Kátia, você não está vendo que eu estou vivendo o meu momento contemplativo com as letras e com a natureza?

— Depois você contempla girl — ela pegou meu livro “História da

Missa” e começou a folheá-lo.

— Maluquinha! Agora como vou saber onde eu parei?! — reclamei. Nosso relacionamento é assim, meio maluco.

— Gata, precisamos colocar o papo em dia. Êpa! O que é isso aqui? Dios mio! *Una declaración?*

Ela me chama de gata e, às vezes, de “gata da laje”, porque eu sou alta, bonita, e passo a maior parte do tempo sozinha. Ela achou um bilhete de um garoto dentro do meu livro.

— Não acredito que você não me contou sobre esse bilhete! Eu não acredito Sophia!

Umás garotas estavam passando e riram de nós duas.

— Eu nem vi esse bilhete aí. Acho que deve ser de um dos garotos do terceiro ano.

— Posso ler? — ela perguntou com uma carinha de choro.

— Leia logo isso Kátia, sei que você está doida para ler, porém, preste bem atenção no meu, PORÉM! A escola não precisa saber, okay?

Ela se preparou arranhando a garganta.

— Leia baixo, por obséquio — eu a adverti.

— Nossa, esse garoto deve ter problemas de caligrafia, até os documentos de 1870 do arquivo público são bem mais legíveis do que isso!

“Sophia, sou o Vinny...”

— Sophia, você está prestando atenção nisso? — perguntou, ao ver que eu estava distraída olhando para uma árvore.

— O quê? Como? Quem é? Perdão Kátia, eu estava distraída vendo aquela pomba ali. Que lindas suas asas! Queria ter asas também para voar com a mesma graça e beleza daquele pássaro!

— Onde? Não estou vendo pássaro algum! Não acredito que você estava prestando atenção em um pássaro enquanto eu estava interpretando a declaração de amor de um boy para você! — Kátia ficou irada comigo.

— Quem é mesmo? — perguntei.

— É um garoto — ela respondeu.

— Sim, eu já sei que é um garoto, quero saber o nome.

— Vinny.

— Prossiga minha cara, prossiga — falei.

— Vou ler de novo e preste atenção!

— Claro, continue, e seja mais poética, Kátia, coloque mais emoção nessas suas palavras, mostre-me a atriz que eu sei que existe aí dentro de você.

— Bem, até que eu gostaria, mas terei que fazer na realidade mais uma tradução do que uma interpretação.

Rimos sem chamar a atenção dos demais que estavam se distraíndo na quadra de esportes.

“Sophia, sou o Vinny,

Você é gatinha, inteligente, e eu tô ligadão em você!

Vinny”

— Você acha que eu posso interpretar isso?

— Eu gostei. Deve ter colocado esse papelzinho dentro do livro enquanto eu me distraí na biblioteca. Acho que eu sei mais ou menos quem é.

— Sim, eu havia me lembrado. Quando estive na biblioteca pela última vez, um garoto com heterocromia me observava do outro lado da estante. Eu estava percebendo tudo, e ele fazia de conta que não estava olhando para mim. Eu vi seus olhos, um era totalmente castanho claro, e o outro era azul celeste. Heterocromia ocular!

— Bom, guarde sua carta de amor e veja aquela marmota ali — disse Kátia apontando para o Gustavo e a Laura aos beijos, debaixo da sombra de uma árvore, perto da quadra.

— Credo! Precisa de tudo aquilo só para mostrar que estão namorando? — comentei horrorizada.

— É o amor, Sophia.

Isso lá em casa se chama falta de vergonha! Não precisa de tudo isso não! Beijo é uma coisa muito íntima, particularmente falando. Não precisa ninguém ver, chamar a atenção dos outros, não dessa forma.

Uma peninha linda caiu bem ali perto da gente, e era branca.

— O que foi girl?

— Uma pena — falei.

— E o que isso significa? — perguntou Kátia.

— Segundo a tradição, significa que um anjo esteve aqui com a gente.

Contatos do autor:

luansarmentoico@gmail.com

luansarmento.blogspot.com

www.facebook.com/luan.rsarmento.98

